

# RELAÇÃO HUMANO-ANIMAL NAS ORGANIZAÇÕES: EFEITOS DA PRESENÇA DE CÃES NO AMBIENTE UNIVERSITÁRIO

HUMAN-ANIMAL RELATIONSHIP IN ORGANIZATIONS: EFFECTS OF DOGS'  
PRESENCE IN THE UNIVERSITY FIELD

**Juliane Pierri Ardigo**

Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, Florianópolis, SC, Brasil  
Mestra em Administração. E-mail: juh.pierri@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0001-8113-7313>

**Graziela Dias Alperstedt**

Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC, Florianópolis, SC, Brasil  
Doutora em Engenharia de Produção e Sistemas. E-mail: gradial@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0003-0144-0406>

Submissão: 15-05-2024

Aceite: 26-06-2024

**Resumo:** A presença dos cães na vida humana não é recente, mas sua permanência em ambientes nomeadamente humanos, como as organizações, é marca da história contemporânea. A discussão acerca deste fenômeno é ainda mais atual, em especial no campo dos estudos organizacionais (FANTINEL, 2021). Entre os espaços organizacionais existentes, o ambiente universitário em específico carece de estudos sobre a temática, especialmente no contexto brasileiro onde é mais comum a discussão sobre o abandono dos animais nos *campi* e suas consequências para a comunidade (FANTINEL; MAGALHÃES, 2021). Com vistas a somar esforços à produção científica existente sobre a presença de animais de estimação nos *campi* universitários brasileiros, busca-se nessa pesquisa investigar as consequências da presença dos cães nos espaços organizacionais universitários. Para tal, utiliza-se uma abordagem qualitativa e postura etnográfica a partir de dados coletados por meio de observação participante em uma universidade pública do sul do Brasil. Dentre os principais achados destaca-se as consequências positivas no encontro de humanos e não-humanos, cães, no *campus* estudado.

**Palavras-chave:** Relação humano-animal; Cães; Universidade; Terapia Assistida por Animais (TAA).

**Abstract:** The presence of dogs in human life is not recent, but their permanence in environments that are known to be humans, such as organizations, is a phenomenon of contemporary history. Discussions about this phenomenon are even more recent, especially in the field of organizational studies (FANTINEL, 2021). Among the existing



organizational spaces, studies in the university field are scarce, particularly in the Brazilian context, where it is more common to discuss animal abandonment inside campuses and its consequences for the community (FANTINEL; MAGALHÃES, 2021). This research aims to contribute to the existing scientific production about pets in Brazilian university campuses by investigating the consequences of dogs' presence in university organizational spaces. To do so, a qualitative approach was used, with data collected from participant observations at one university, characterizing it as a case study. Among the main results is the fact that positive reactions are predominant in human-dog encounters on the studied campus.

**Keywords:** Human-animal relationship; Dogs; University; Animal Assisted Therapy (AAT).

## Introdução

A presença dos cães na vida humana não é uma das inovações do século XXI. Na história humana há referências aos animais desde o período que antecede à própria existência dos seres humanos (WALSH, 2009; WILMER, 2019). Larson *et al.* (2012) indicam que o processo de domesticação do lobo-cinzento (*canis lupus*) teve início há cerca de 15.000 anos e que deste processo surgiu o “melhor amigo do homem”, expressão utilizada como sinônimo dos cães (*canis lupus familiaris*). Haraway (2021) advoga que, por mais que existam controvérsias nas narrativas históricas acerca do surgimento dos cães, o convívio entre humanos e cachorros transformou os modos de vida humanos e vice-versa, por meio da história de coevolução.

Apesar da relação entre humanos e cães não ser recente, é na história contemporânea que ocorre a chamada virada animal, um movimento teórico que propõe revisão das relações entre humanos e animais nas ciências humanas (MARRAS, 2014). Ainda que esta terminologia tenha surgido neste campo científico, estudos acerca da temática não são exclusividade desta ciência (MARRAS, 2014; FANTINEL, 2020) cuja preocupação culminou no surgimento de uma área de estudos multidisciplinares que recebe diversos nomes. Neste estudo, denominaremos o tema de Antrozologia, de acordo com Fantinel (2020). Para a autora, há uma lacuna no que tange aos estudos sobre a temática na área de Estudos Organizacionais, especialmente no contexto brasileiro, mesmo que diversos encontros entre os humanos e os animais ocorram no âmbito organizacional.

Embora a produção científica sobre a temática ainda seja pequena, na área de antrozologia nos espaços organizacionais encontramos indicativos em estudos, tais como o de Sage *et al.* (2016), que discutem o processo de organização do espaço e do tempo mediante a relação humano-animal e as fronteiras organizacionais existentes entre as espécies. Sendo assim, por mais que a presença dos animais nos espaços organizacionais não seja recente, a discussão acerca de tal presença e de seus impactos na atualidade apresenta-se como inovadora, ampliando a análise social a partir de um olhar multiespécies. Ainda que esteja em fases iniciais, é neste contexto de problematização que nossa pesquisa se desenvolve.

Entre as diversas espécies de animais, os cães se destacam quando o assunto remete a sua presença nas organizações (WILKIN; FAIRLIE; EZZEEDEN, 2016; GONZALEZ-PEREZ; GEORGIADOU, 2019; CUNHA; REGO; MUNRO, 2019), incluindo os *campi* universitários (HIGHFILL; GOODMAN-WILSON, 2017; CHARLES; WOLKWITZ, 2019; FANTINEL;

MAGALHÃES, 2021; KIVLEN; QUEVILLON; PASQUARELLI, 2022; PEEL; NGUYEN; TANNOUS, 2023; WILLGOHS *et al.*, 2023). As pesquisas incluem o debate acerca dos cães abandonados nos *campi* (FANTINEL; MAGALHÃES, 2021), a presença de animais de estimação nos dormitórios das universidades (HIGHFILL; GOODMAN-WILSON, 2017) e o impacto de um programa com cães de terapia numa biblioteca universitária (CHARLES; WOLKWITZ, 2019).

Com o presente artigo propomos ampliar tal discussão, contribuindo para a produção científica a respeito da presença de animais nas organizações, especificamente no ambiente universitário. Nosso objetivo é o de discutir a presença de cães em um campus universitário a partir da técnica da observação participante durante três semestres letivos, com apoio da literatura especializada. Esse estudo pode contribuir não somente para a discussão sobre a relação humano-animal nas organizações, mas, também, para a temática da motivação de discentes na pós-modernidade.

## Referencial teórico

A base teórica que fundamenta este artigo se encontra dividida em três seções que discutem a participação dos animais em espaços predominantemente humanos. Iniciamos com a ideia de discutir a percepção acerca dos animais na vida humana como um todo e como o conceito desta relação evoluiu ao longo do tempo. Na sequência, abordamos a discussão da presença dos animais nos espaços organizacionais, uma discussão mais recente e aderente ao século XXI. Por fim, mencionamos estudos e referências para a presença dos animais num espaço organizacional específico - o espaço universitário.

## Animais na vida humana

Relatos históricos e fatos recentes, incluindo pesquisas científicas, evidenciam a presença dos animais na vida humana e a importância dos vínculos estabelecidos entre eles (WALSH, 2009). O estudo sobre a influência dos animais no bem-estar humano ocorre a partir de diversas perspectivas, incluindo os animais de serviço e as ambiguidades existente nessas relações (SERPELL, 2009; WALSH, 2009).

A relação entre os humanos e os animais surgiu do processo de coevolução e cooperação mútua entre as espécies que desejavam comida, abrigo e proteção, conforme apontado por Walsh (2009). A autora indica a agricultura como responsável por fazer com que os cães e gatos adquirissem papéis relevantes na vida humana, visto que os primeiros atuavam no pastoreio do rebanho e os últimos no controle de pragas.

Na atualidade, a presença de animais nos lares humanos vai além da questão da agricultura, uma vez que uma parte substancial de animais vive na presença de humanos em apartamentos nos centros urbanos. Além dos benefícios desse companheirismo, tais como a melhoria da qualidade de vida e da saúde dos humanos que têm a companhia de um animal de estimação (SERPELL, 2003; WALSH, 2009), os benefícios são estendidos para aqueles que recebem a visita de um animal de terapia, conforme relatado por Nilsson *et al.* (2024) que analisaram os impactos fisiológicos da presença de um cão e sua tutora em um lar de idosos.

O antropomorfismo e o antropocentrismo são características que permitiram que os humanos se tornassem a espécie superpredadora e dominassem as demais, segue tendo impactos nos animais (SERPELL, 2003). Serpell (2003) indica que o antropomorfismo é responsável pelo aumento dos animais de companhia nos lares e o aumento de sua população, acompanhando o aumento da população humana, em proporções em que não é possível definir um número exato. Por outro lado, o autor mostra que há impactos negativos do antropomorfismo nos animais, inclusive para o seu bem-estar, visto que as escolhas de seleção dos animais tendem a considerar mais o “fofo” e “bonito” em vez de considerar disfuncionalidades que exemplares dentro deste padrão estético podem ter.

As situações de crise mostram que o antropocentrismo impacta o bem-estar dos animais e dos humanos que possuem um vínculo forte. Montgomery, Liang e Lloyd (2024) mostram que em tais situações, que incluem violência doméstica e desastres naturais, a percepção de que o humano é superior influencia a atitude de humanos que têm vínculos fortes com seus animais. Nestes casos, humanos tendem a se colocar mais em risco para proteger seus animais e a separação forçada traz impactos para a saúde mental das pessoas.

Ainda sobre os impactos do comportamento humano em relação aos animais, Serpell (2009) evidencia as ambiguidades existentes. O autor menciona que o relacionamento com cada espécie depende de uma construção cultural que molda a forma de percebê-la. Uma evidência disso, conforme o autor, é o relacionamento humano com os cães, que, no ocidente, costumam ser animais de companhia, ao passo que em países orientais, como a China, o consumo de sua carne ainda é comum. Logo, ainda que a relação humano-animal de uma perspectiva evolucionista tenha tido início há milênios (WALSH, 2009), não existe um consenso acerca das atitudes humanas para com as espécies (SERPELL, 2009).

Serpell (2009) deixa evidente em seu trabalho que não existe coerência nas atitudes e comportamentos humanos para com os animais. Ao mesmo tempo, o autor destaca que os animais são hoje um problema social e que é preciso discutir qual a melhor forma de tratamento a eles, que seja moral e aceitável.

## Animais nas organizações

A literatura científica sobre os animais nos estudos organizacionais é incipiente. No contexto brasileiro, o primeiro dossiê temático sobre não-humanos na área de estudos organizacionais foi publicado somente em 2024 (FANTINEL; BARRETO; BASTOS, 2024). Apesar da lacuna existente nas bases de dados acadêmicas, os animais sempre estiveram presentes nas organizações, embora sua presença nem sempre seja percebida (FANTINEL, 2020).

Sage *et al.* (2016) indicam a existência de três movimentos no organizar entre humanos e animais: exclusão, convite e perturbação. A exclusão é uma forma de separar as duas formas de organizar – a natureza com seus animais e as organizações tipicamente humanas (SAGE *et al.*, 2016). Essa exclusão reflete a dicotomia entre o que é natural e o que é humano, pressupondo que o homem está separado da natureza. De acordo com os autores, tal interpretação considera que essa divisão impede que haja desorganização mútua por ambas as agências (homens e animais).

A perturbação ocorre quando umas das partes causa desordem no espaço da outra, definindo novas fronteiras (SAGE *et al.*, 2016). Já o convite é definido por Sage *et al.* (2016)

como sendo a capacidade de interação de coletivos humanos e animais interagirem entre as espécies a fim de formar um coletivo multiespécies. Por mais que o convite vá além das espécies domésticas, é nelas que as poucas pesquisas acadêmicas nos espaços organizacionais costumam focar (WALSH, 2009; WILKIN; FAIRLIE; EZZEDEEN, 2016; GONZALEZ-PEREZ; GEORGIADOU, 2019; CUNHA; REGO; MUNRO, 2019).

O convite dos humanos para que os animais façam parte do seu cotidiano e de suas organizações pode ser exemplificado pelos animais de serviço (WALSH, 2009) e pelas políticas *pet-friendly* que estão sendo adotadas nos ambientes de trabalho como forma de atração e retenção de talentos (WILKIN; FAIRLIE; EZZEDEEN, 2016). Nesse sentido, Cunha, Rego e Munro (2019), ao analisarem o papel dos cães no ambiente de trabalho, destacam a existência de três perfis de pessoas na interação humana-canina: os tutores, os amantes de cães e os que não gostam ou têm problemas de saúde relacionados a esses animais (fobias, alergias, entre outros).

Estudos mostram que a presença dos cães nas organizações tem o potencial de gerar benefícios, especialmente relacionados ao bem-estar humano (WALSH, 2009), mas também para a própria organização e para o animal envolvido (FOLTIN; GLENK, 2023). Contudo, desafios organizacionais são exigidos para gerir os diferentes perfis de pessoas (WILKIN; FAIRLIE; EZZEDEEN, 2016; CUNHA; REGO; MUNRO, 2019; FOLTIN; GLENK, 2023). De acordo com Clements *et al.* (2024), uma possibilidade de obter benefícios da presença de animais e, ao mesmo tempo, evitar os riscos relacionados com alergias e acidentes é a presença de aquários de peixes ornamentais.

## Animais nas universidades

As universidades, bem como suas características organizacionais, variam entre diferentes culturas e países. No contexto estadunidense, é comum que os alunos morem nos *campi* universitários. Highfill e Goodman-Wilson (2017) discutem sobre o custo-benefício de levar um animal de estimação para morar com o estudante nos *campi*. Willgohs *et al.* (2023), por outro lado, focam no bem-estar dos cães que moram nestas instalações e testam os biomarcadores de estresse em relação aos que não vivem neste ambiente.

Por mais que os dormitórios sejam considerados uma parte da universidade, há estudos que focam mais no que acontece no cotidiano das atividades acadêmicas na presença dos animais. Tais estudos se concentram em dois aspectos: a presença de animais de terapia e seu impacto na comunidade acadêmica, e a presença de animais domésticos de vida livre no *campus*.

Animais domésticos de vida livre, “de rua”, “sem dono”, sem um humano responsável, entre outros adjetivos sinônimos, podem ser um problema para as cidades e para as universidades. Aguilar e Farnworth (2013), por exemplo, indicam que os gatos, em especial, podem representar um real problema urbano devido as suas habilidades de caça, que conferem à espécie a possibilidade de interferir na biodiversidade da fauna local.

Fantinel e Magalhães (2021) pesquisaram a presença de cães de vida livre num campus de uma universidade brasileira. O conteúdo midiático acerca de tal presença foi analisado indicando que os animais são colocados em narrativas como seres perigosos e não pertencentes ao ambiente universitário. Situação similar foi encontrada no estudo de Izaguirre e Montiel (2021) que analisaram a percepção dos múltiplos *stakeholders* em uma universidade do México acerca da

presença de cães e gatos de vida livre. Segundo os autores, os alunos mostraram comportamentos mais abertos a essa presença, estando dispostos a ajudar. Outros *stakeholders*, por outro lado, viam a presença dos animais a partir de uma imagem negativa para a instituição.

Animais de terapia que estão no *campus* costumam ser mais aceitos, visto que sua presença no local pode ser caracterizada como um convite, de acordo com a definição de Sage *et al.* (2016). Apesar dessa aceitação, o assunto não está livre de controvérsias, como evidenciado por Charles e Wolkowitz (2018). Os autores analisaram a presença de cães de terapia em uma biblioteca universitária no Reino Unido, mostrando que mesmo fazendo parte de um projeto da universidade, sua presença não deveria ser percebida para não causar perturbações aos alunos que não estavam participando da atividade. Isto porque, de acordo com os relatos, a biblioteca havia recebido queixas de alunos que ficaram incomodados com a presença de um cão-guia no local. Mesmo assim, a preocupação crescente com a saúde mental de universitários é um fator que contribui para o desenvolvimento de estudos que incluem o uso de intervenções com animais de terapia (PEEL; NGUYEN; TANNOUS, 2023).

## Metodologia

A incorporação dos estudos culturais na pesquisa qualitativa ao final do século XX e início do século XXI introduziu uma mudança de perspectiva na pesquisa social, passando a se preocupar com os que estão situados nos limites da cultura moderna (GRAY, 2012), como os animais, por exemplo, em especial no contexto dos estudos organizacionais (SAGE *et al.*, 2016).

Ainda que esta pesquisa não seja uma etnografia multiespécies, o relato engloba a perspectiva das pesquisadoras sobre o comportamento dos cães ao acompanhá-los no ambiente universitário. Nesse sentido, a pesquisa é marcada por uma postura etnográfica (BOUMARD, 1999) que se distingue da etnografia como método. A etnografia como postura fundamenta-se na ideia de ir ao campo, mas não fazer dele o elemento da administração da prova, mas o “material indispensável para que o discurso sobre o outro tenha sentido” (BOUMARD, 1999, p.2).

Dentro dessa perspectiva, os dados foram coletados por meio de observação participante (GRAY, 2012), levada a cabo pelas autoras do artigo as quais vivenciaram a experiência de estar em um campus universitário na presença de cães de estimação durante três semestres letivos de forma a participar do que estava acontecendo naquele momento.

A observação foi registrada em um diário de campo de uma maneira sistemática nos primeiros sete dias em que tal experiência ocorreu. As demais anotações foram realizadas apenas quando alguma ocorrência divergiu do cotidiano e de práticas já relatadas, caracterizando-se como eventos críticos que representam situações que se destacaram no processo de observação e relato pelas pesquisadoras.

O trabalho, assim, privilegiou o contato direto das pesquisadoras com os discentes, docentes e técnicos administrativos no ambiente da universidade, sem distinção entre nós pesquisadoras e o fenômeno pesquisado. Trata-se de uma pesquisa implicada, ou seja, partimos não apenas do observado, tampouco solicitamos explicações sobre ações, mas tecemos nossas descrições a partir de um mergulho no contexto, ou seja, demos “ lugar pleno ao sujeito numa

atitude de atenção flutuante, nunca neutra, sempre à espreita duma eventual produção de sentido” (BOUMARD, 1999, p.3), ou seja, pressupomos o caráter da realidade sendo construída.

A observação, nesses termos, nos possibilitou enfatizar os sentidos que as pessoas dão as suas ações de forma a incluir também sentimentos, não somente os fatos (GRAY, 2012). Ou seja, consideramos ao longo da pesquisa que “observar é diferente de ver” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013, p. 419). Portanto, não nos limitamos ao sentido da visão, mas buscamos captar todos os sentidos, conforme considera Gray (2012). Assim, a vivência das pesquisadoras sobre o objeto de estudo se mostrou útil tendo em vista a sensibilidade presente no que tange ao direito dos animais e nossa participação como membros no contexto estudado.

Nesse sentido, a observação participante permitiu um olhar para a interação humana visto por *insiders* do ambiente universitário; a análise a partir do “aqui e agora” das situações do cotidiano; a interpretação e a compreensão da relação entre humanos e animais no contexto universitários; e, uma lógica flexível do processo de pesquisa, com redefinição constante do fenômeno, baseada em fatos concretos da vida universitária (FLICK, 2009). Assim, uma “postura etnográfica” foi desenvolvida durante os três semestres nos quais a pesquisa foi desenvolvida.

A partir da observação realizada, quatro categorias de análise foram sendo construídas ao longo do processo: sentimentos das pesquisadoras; reações positivas da comunidade; reações negativas da comunidade; e, percepções acerca do comportamento dos cães, conforme relatado na próxima seção.

## **Fragmentos teóricos, relato e discussão**

Nesta seção, optamos por apresentar, de forma relacionada, o relato da experiência e a discussão teórica com os fatos vivenciados no processo de pesquisa. As categorias que emergiram (sentimentos das pesquisadoras; reações positivas da comunidade; reações negativas da comunidade; e, percepções acerca do comportamento dos cães) guardam conexão com o estudo de Cunha, Rego e Munro (2018, p. 779, tradução nossa) o qual indica que “a interação entre humanos e cães no ambiente de trabalho pode incluir trabalhadores que são tutores de cães, outros que são amantes de cães, e outros que não gostam de cães e/ou experimentam problemas de saúde ao interagir com eles”.

Percebe-se, adicionalmente, que existem pessoas que não se importam com a presença dos animais no ambiente, mantendo uma postura neutra diante da presença de cães nos mais variados contextos. Embora tais atitudes tenham sido observadas, estas não receberam ênfase nos relatos de diário de campo, sendo desconsideradas nesta pesquisa. É importante mencionar que as conclusões acerca dos dados e comportamentos relatados se limitam aos atores estudados, tendo em vista nossos objetivos e o percurso metodológico escolhido que não tem o caráter de generalização, mas de compreensão do fenômeno.

## **Sentimentos das pesquisadoras**

A situação da presença dos cães na universidade durante o curso de doutorado se deu por uma oportunidade contextual: era necessário apresentar a temática da proposta de tese na disciplina de métodos qualitativos em administração de uma forma inovadora. Logo, surgiu a

ideia de levar os cães para a universidade, de forma a dar continuidade aos estudos do mestrado de uma das autoras desse artigo cuja temática estava alinhada aos direitos dos animais.

Durante o mestrado de uma das autoras desse artigo, os cães foram seus companheiros inseparáveis. Porém, diferentemente do doutorado, no qual as aulas tiveram um formato presencial, o mestrado se deu em um contexto bem específico – durante a pandemia de COVID-19, com aulas e orientações totalmente remotas.

A ideia de levar os cães para a universidade era empolgante por um lado, mas, por outro, trazia muitos receios, conforme relato do diário de campo: “achei meio ousado levá-los para a aula, mas também pensei: é esse o momento ideal. Se algo desse errado, poderia trazê-los de volta. Se eles cansassem no meio da aula, pediria que minha mãe fosse buscá-los” (Diário de campo – 30/08/2022).

O receio da pesquisadora estava relacionado com a presença dos cães em sala de aula em função dos demais participantes do contexto, mesmo que o campus universitário já tivesse sido visitado pelos animais em outras ocasiões mais pontuais, como passeios no seu entorno, pois conta com espaço físico com um extenso gramado e cercado amplo, onde pessoas levam cães para passeios.

Sage *et al.* (2016) consideram a geografia animal como um fator a ser analisado quando se discute a presença de animais nos estudos organizacionais, assim como a inclusão deles na teoria ator-rede. A discussão acerca da geografia animal, e de outros fatores que influenciam na relação entre humanos e animais nas organizações, levou os autores a proporem três conceitos heurísticos: exclusão, convite e perturbação. Embora não se conheça a história da construção do campus, seu formato pode ser interpretado como um convite para que os animais estejam presentes ali.

No campus nota-se a presença de animais selvagens, como morcegos, pássaros, capivaras e saguis, dividindo determinados espaços com os alunos e funcionários da instituição. O local é bastante arborizado, o que favorece a presença dos animais. Ademais, os prédios do campus não possuem muitos andares, nem muitas barreiras para a entrada de animais.

No primeiro dia, com a presença dos pequenos chihuahuas em sala de aula, um enorme labrador também estava presente acompanhando sua socializadora, uma colega de doutorado de uma das pesquisadoras. O cão em questão é um dos padreadores de uma escola de cães-guia do estado de Santa Catarina. Mesmo que os cães-guia tenham um respaldo legal para acompanhar seus socializadores, treinadores e tutores em qualquer situação (exceto em ambientes hospitalares específicos) (BRASIL, 2005; 2006), a socializadora relatou que na escola para cães-guia era comum o relato por parte de tutores de tentativas de impedimento de acesso desses cães aos locais.

No campus em pauta, não houve problema em relação à presença do cão-guia, porém, a literatura científica corrobora com o relato. Charles e Wolkwitz (2019) indicam que durante a atividade com cães de terapia desenvolvida na biblioteca da universidade estudada, havia um certo isolamento dos cães de terapia os quais deveriam entrar por uma porta específica e ter um cuidado para não perturbar os presentes que não participavam da atividade. Os autores foram informados que o cuidado extra com os cães envolvidos na atividade de terapia ocorreu porque a biblioteca havia tido problemas no passado com a presença de um cão-guia nas suas instalações,

o qual causava um grande incômodo em alunos de diferentes culturas em função da simples presença dos cães.

No que se refere ao contexto brasileiro, Pierri Ardigo e Alperstedt (2023) relatam situações de conflitos em situações em que cães-guia estão presentes. Dados extraídos de uma entrevista com uma coordenadora de um centro de treinamento de cães-guia em Santa Catarina revelam que o principal problema enfrentado por pessoas acompanhadas desses cães ocorre nos aplicativos de transporte e em estabelecimentos comerciais.

Uma vez introduzidos em sala de aula, os cães, juntamente com uma das pesquisadoras, foram recebidos calorosamente pelos colegas e professores, o que trouxe um alívio para a tutora. A receptividade com os animais, neste caso, foi sentida como uma receptividade pessoal, visto que os cães podem ser vistos como parte do “eu estendido” (BELK, 1988, p. 155).

A apresentação do tema de pesquisa da tese foi feita com os cães no colo, o que trouxe sentimentos de conforto e segurança: “após o intervalo, ocorreu a apresentação do tema com os dois no colo. Foi engraçado, porque é algo que parece que vai ser mais difícil por um lado, mas, por outro, a presença deles me dá uma certa segurança” (Diário de campo – 30/08/2022).

Os sentimentos de segurança e conforto, mesmo em uma situação que pode ser considerada de estresse – como a apresentação de um trabalho – está em consonância com o encontrado na literatura científica (CHARLES; WOLKWITZ, 2019; PEEL; NGUYEN; TANNOUS, 2023). Willgohs *et al.* (2023), por exemplo, mencionam estudos desenvolvidos nos Estados Unidos que mostram tanto os desafios dos alunos ao entrar na universidade, quanto o impacto positivo advindo da presença de animais nos *campi* durante os períodos de provas.

Existem sentimentos positivos relacionados com a presença dos cães, mas é preciso considerar que há uma necessidade de preparo diferenciada quando eles estão presentes em aula. Nos relatos do diário de campo se menciona sobre a questão de preparar a alimentação para os horários que fazem parte da rotina, preocupação com tirar tempo do intervalo para que façam suas necessidades fisiológicas e o aparato para que fiquem confortáveis em sala de aula. Nesse sentido, González-Perez e Georgiadou (2019) indicam que a experiência de ser tutor de um cão pode ser comparável com o exercício de parentalidade, porque envolve atividades semelhantes com as que são desenvolvidas por um pai ou uma mãe, que vão desde a escolha do nome até a preocupação com o bem-estar do ser que se é responsável.

Depois de um primeiro dia de sucesso, foram surgindo novas oportunidades. Na sexta-feira da mesma semana da primeira experiência, foi realizado um seminário de um grupo de pesquisa, sendo essa uma boa oportunidade para levar um dos cães novamente para a universidade: “Levei o \*\*\* comigo porque eu queria a companhia de um deles, pelo menos” (Diário de campo, 02/09/23). Peel, Nguyen, Tannous (2023) relatam que em momentos de estresse, a presença de cães de terapia no ambiente universitário reduz a ansiedade e melhora o humor dos alunos, além de promover um bom efeito nos funcionários e outros envolvidos no dia a dia da universidade. Ainda que os cães da pesquisadora não sejam cães certificados para terapia, almejar pela companhia de ao menos um deles indica que exercem um papel importante em sua vida.

No dia em questão, o cão que acompanhou a tutora-pesquisadora estava com uma consulta veterinária agendada para a semana seguinte porque havia tido a necessidade de

encaminhamento para um especialista sobre um problema de saúde. Sabe-se que os problemas de saúde dos animais podem interferir nos sentimentos de seus tutores. Evidência disso são as políticas *pet-friendly* adotadas por empresas que desejam atrair os talentos daqueles que são tutores de animais. Wilkin, Fairlie e Ezzedeen (2016) indicam que cobrir os gastos com saúde em veterinários é uma política aceitável e simples de ser implementada nas organizações que desejam oferecer benefícios para os “pais de pets”.

O problema de saúde do cão em questão necessitou de uma correção cirúrgica que envolveu uma recuperação com supervisão 100% do tempo. Essa situação oportunizou a presença do cão no ambiente universitário no mês seguinte, tanto nas aulas da tutora-pesquisadora nas disciplinas de doutorado, quanto em grupos de pesquisa e no estágio-docência na graduação.

A presença do cão no ambiente universitário se recuperando de uma cirurgia implica em preocupações extras para a tutora-pesquisadora: “Essa aula é importante para mim, porque na aula da noite eu é que serei responsável por esse conteúdo para os alunos. O conteúdo que vou lecionar é abordado da segunda parte da aula para frente. Depois do intervalo. Fico pensando que gostaria de anotar as falas da professora, mas parece não ser possível fazer isso com um cachorro no colo, querendo me movimentar e também contribuir para a aula. Resolvo gravar o áudio da segunda parte da aula para ouvir de tarde” (Diário de campo, 15/09/2022).

O diário de campo contém menções sobre as pessoas fazendo perguntas sobre os cães, paradas no corredor para receber carinho e conversas girando em torno dos companheiros caninos, além de pedidos para tirar fotos deles e com eles. Fato que, de certa maneira, corrobora o sentimento mencionado por uma das tutoras dos cães que participaram da terapia com cães na biblioteca universitária – de que o cão é uma celebridade (CHARLES; WOLKWITZ, 2019). Além disso, evidencia o papel dos animais como um condute social, que possibilita que conexões entre humanos se formem a partir dos animais, mesmo entre desconhecidos (WOOD; GILES-CORTI; BULSARA, 2005; WOOD *et al.*, 2017).

O relato vai além de gerar interfaces de discussão com a literatura existente, ou seja, incita diversos questionamentos: a percepção dos cães como seres pertencentes ao espaço organizacional da universidade na qual o relato acontece está relacionada com a familiaridade da tutora-pesquisadora ao ambiente? O porte pequeno dos cães influencia na aceitação deles neste ambiente? O fato de serem cães de raça interfere na percepção das pessoas que frequentam a universidade? O comportamento dos cães é o que permite a presença deles em sala de aula? A presença dos cães no ambiente universitário é resultado da combinação destes fatores combinados?

O fato é que existem outros cães que frequentam a universidade. Um cão livre, de grande porte, semelhante a um Akita transita pela universidade, especialmente pelo espaço perto da cantina, e tem um pote de ração e de água à sua disposição. Uma das técnicas-administrativas leva sua cachorrinha de porte pequeno no final do expediente em alguns dias. Uma aluna de graduação já levou, ao menos em duas oportunidades, sua cachorrinha na apresentação de trabalhos. A outra pesquisadora envolvida neste trabalho também leva sua cachorrinha para a universidade em algumas oportunidades.

Em duas edições de um evento promovido pela extensão universitária do centro em que ocorreram as experiências supramencionadas, foi realizada a ação de cão terapia. Sobre este evento, foi relatado informalmente para a tutora pesquisadora que a atividade que teve maior

participação da comunidade na primeira edição do evento, cujo foco foi a saúde mental, foi a ação com os cães terapeutas, que participam de uma ONG na cidade.

## Reações positivas da comunidade

Numa perspectiva quantitativa, os relatos sobre reações positivas na comunidade universitárias são prevalentes. Igualmente, a literatura científica analisada teve um maior foco nos benefícios relacionados com a interação humano-animal do que com a possibilidade de conflitos (CHARLES; WOLKWITZ, 2019; DELANOEIJE; PENDRY, 2022; KIVLEN; QUEVILLON; PASQUARELLI, 2022; PEEL; NGUYEN; TANNOUS, 2023).

Este fato, de acordo com as definições propostas por Sage *et al.* (2016), constitui-se como um convite para o convívio coletivo. Os autores definem convite como sendo a capacidade de interação entre as agências humano-animal e a formação de coletivos multiespécies que de alguma forma são interdependentes.

O benefício da presença dos cães é demonstrado pela receptividade com sua permanência desde o primeiro relato em diário de campo: “Desde a entrada fomos bem recebidos por todos. Chegando na sala e vendo a reação positiva geral, já gerou mais tranquilidade [...] quando voltamos para a sala, a professora \*\*\* estava falando com o professor \*\*\* e com o \*\*\*, que ficou super empolgado com a “aula pet-friendly”. Os cães ganharam carinho” (Diário de campo, 30/08/2022). Nos relatos do diário de campo e nas vivências da tutora-pesquisadora não são apenas os colegas de doutorado e alunos de graduação que demonstram sentimentos positivos em relação à presença dos cães. Professores, técnicos administrativos e funcionários terceirizados da instituição também se mostram simpáticos à presença deles naquele ambiente.

As constatações anteriores corroboram Peel, Nguyen e Tannous (2023) quando indicam que, especialmente em momentos de estresse, toda a comunidade universitária pode se beneficiar da presença de cães terapeutas. Ainda que os cães da tutora-pesquisadora não sejam certificados para esse trabalho, a presença deles no ambiente trouxe características distintas para o ambiente a partir da empolgação dos indivíduos tutores ou amantes dos cães.

Conforme relato da manifestação de alunos de graduação, “a aula é muito mais agradável com a presença dos cães”. No diário de campo [...] “enquanto eu abria os slides, ele ficou na cadeira do meu lado e alguns alunos foram fazer carinho” (Diário de campo, 08/09/2022); “Cheguei na sala e já tinham algumas alunas lá. Falei: trouxe companhia pra gente hoje (e não são morcegos - em referência a aula que tivemos na sala ESPINE que os morcegos saíram do forro algumas vezes). Eles foram tão bem acolhidos pelos alunos!!! As meninas foram lá na frente, perguntaram se poderiam pegar [...] foram chegando mais alunos. O \*\*\* foi passando de colo em colo. Dois alunos da turma da manhã pararam na porta: ‘são dois! A gente só conhecia um.’ [...] \*\*\*, no início, estava um pouco obcecado comigo, só me olhava, mas depois chegou uma aluna que ele gostou muito e começou a passar nos colos também. [...] Uma aluna chegou atrasada e ficou absolutamente encantada quando os viu.” (Diário de campo, 15/09/2022).

A presença dos animais em sala de aula funcionou como um convite para conversas com os alunos, reforçando o seu papel nas redes sociais humanas (WOOD; GILES-CORTI; BULSARA, 2005; WOOD *et al.*, 2017). Charles e Wolkwitz (2019) relatam um achado semelhante por parte dos tutores dos animais de terapia presentes na biblioteca do campus

universitário. Os autores mencionam que os tutores perceberam benefícios para os estudantes a partir das conversas face-a-face em substituição às interações mediadas pelo computador.

Em outra situação, em que os cães estavam com a tutora-pesquisadora participando da recepção dos alunos no hall de entrada em uma semana de evento acadêmico, uma aluna chorou emocionada por ver os cães presentes nos corredores da universidade – “ela disse que não estava esperando ver cachorrinhos fofinhos ali” (Diário de campo, 13/09/2023). Depois disso, ela interagiu com eles. O fato ocorrido demonstra que ainda há uma barreira organizacional relacionada com a exclusão da presença dos animais nos espaços universitários (SAGE *et al.*, 2016), mas há benefícios em se transpor tal barreira e incluir os animais nesse meio, de forma que a surpresa para aqueles que gostam dessa presença se reverta em uma sensação de bem-estar (CHARLES; WOLKWITZ, 2019).

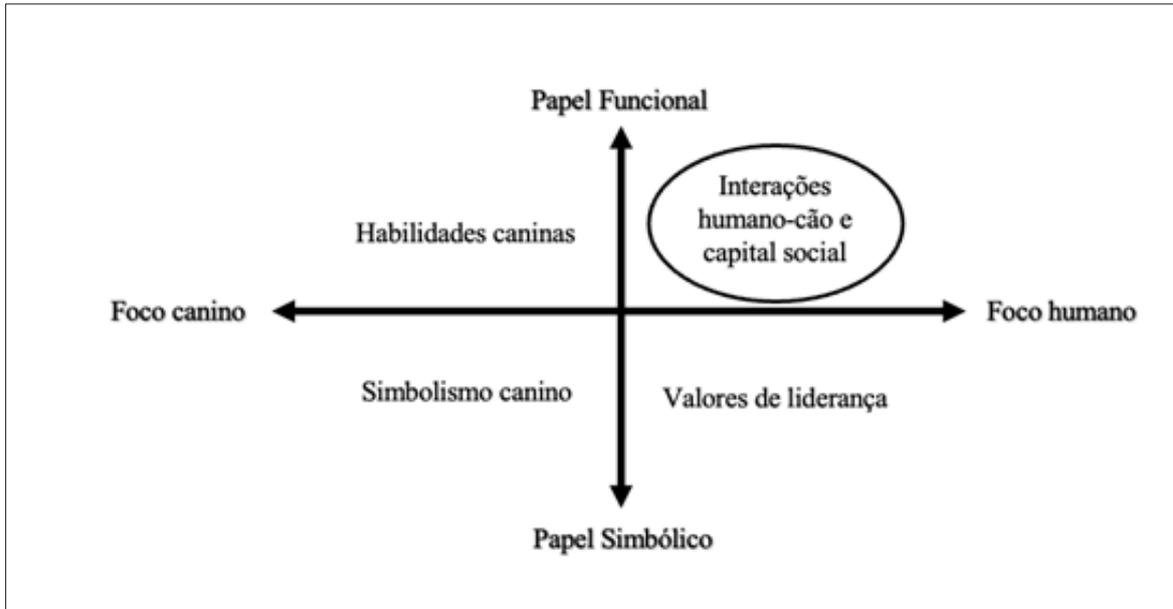
Outro efeito benéfico da presença dos animais é evidenciado no relato: “\*\*\* (ficou com o \*\*\* no colo durante a aula): professora, essa foi a melhor aula da minha vida. Eu acho que vou lembrar de cada palavra que você falou, foi muito bom ficar com ele no colo” (Diário de campo, 11/09/2023). Adicionalmente, outra aluna citou, em um dia chuvoso, que a maior motivação para ir à aula do dia havia sido a presença dos animais em sala de aula.

Além de corroborar os efeitos positivos sobre o bem-estar dos alunos (CHARLES; WOLKWITZ, 2019), este relato soma-se às evidências encontradas por Kivlen, Quevillon e Pasquarelli (2022) de que não há aumento da distração dos alunos com a presença dos cães terapeutas na sala de aula. Os autores mencionam que sua pesquisa indicou que a companhia de um cão em sala de aula beneficia os alunos em duas áreas: (1) diminui a ansiedade e o estresse; e, (2) aumenta a participação sem que a distração seja aumentada. O segundo ponto é reforçado pelo argumento de Stensland *et al.* (2024) acerca da cooperação dos pacientes com o próprio tratamento pela presença de cães em uma clínica de diálise.

Os relatos das experiências acerca das reações positivas da comunidade acadêmica indicam que no framework das formas de presença canina nas organizações (CUNHA; REGO; MUNRO, 2018), apresentada na Figura 1, uma se destaca em relação aos cães na universidade – Interações humano-cão e capital social. Conforme os autores elucidam, esta forma de presença utiliza a comunicação existente na relação interespecífica a fim de desenvolver tarefas benéficas para os humanos, como alívio de estresse e melhora social do clima organizacional.

Conforme ilustrado na Figura 1, o framework das formas de presença canina nas organizações possui duas dimensões, uma relacionada ao papel desempenhado pelo cão (funcional ou simbólico) e outra relacionada com o foco dado a esta presença (humano ou canino) (CUNHA; REGO; MUNRO, 2018).

Figura 1 - Formas de presença canina nas organizações



Fonte: Traduzido e Adaptado de Cunha, Rego e Munro (2018)

A dimensão relacionada com habilidades caninas refere-se aos cães de serviço, que desempenham determinadas funções melhor que os humanos. Por isso são utilizados como cães policiais, cães-guia, entre outros. No caso do simbolismo canino, o foco é no cão, mas concentra-se no valor simbólico de sua presença, seja na criação de uma marca ou em um evento específico para transmitir os valores da espécie, como lealdade. Já os valores de liderança são obtidos quando um indivíduo humano almeja que seu cão transmita ideias sobre sua personalidade. Por fim, as interações humano-cão e capital social possuem um foco humano e o cão tem um papel funcional de conector social (CUNHA; REGO; MUNRO, 2018; WOOD; GILES-CORTI; BULSARA, 2005; WOOD *et al.*, 2017; WARD *et al.*, 2024).

## Reações negativas da comunidade

Em um primeiro momento, reações negativas não foram percebidas em relação aos cães. Isso não significa que elas inexistiram, mas que podem ter sido encobertas pelos próprios sentimentos da tutora-pesquisadora e pela boa receptividade da maior parte das pessoas. As reações negativas que foram percebidas em algum momento posterior podem ser fruto da antipatia pelos cães ou por problemas relacionados à saúde advindos da interação com a espécie (CUNHA; REGO; MUNRO, 2018).

Ao refletir sobre as experiências de reações negativas da comunidade acadêmica, a tutora-pesquisadora e sua coautora e orientadora inferiram que as três situações descritas foram as mais marcantes: a primeira envolvendo uma professora, a segunda um aluno da pós-graduação e uma terceira envolvendo um aluno de graduação. Destaca-se que todas as pessoas envolvidas nas experiências sob tal categoria apresentavam idade superior a 40 anos, aparentando pertencer à geração X.

A questão geracional observada foi destacada por Mazon e Moura (2017) a partir das transformações nos papéis dos animais de estimação nas famílias brasileiras ao longo dos anos.

Conforme os autores, os animais que antes eram úteis por desempenharem funções de guarda e pastoreio, passaram a ser vistos como membros da família na sociedade contemporânea e se tornaram uma fonte de despesas.

Com relação à professora, a tutora-pesquisadora percebia certos olhares diferentes para os cães pelos corredores, mas não buscou conversar com esta professora sobre o assunto por falta de intimidade para tal. Em certa ocasião, no entanto, uma das funcionárias relatou ter ouvido uma expressão de incômodo por parte da docente sobre a atenção que os cães recebiam, comparando a relação humano-animal com as relações entre os próprios humanos.

Tal fato traz à tona uma questão paradigmática no que se refere à relação entre humanos e animais nas organizações. Para Mitchell (2022), essa nova perspectiva sobre o relacionamento entre as espécies precisa ser vista como um campo sério de estudos acadêmicos, levando em consideração as críticas à visão antropocêntrica de mundo.

Por outro lado, a humanização dos animais e o entendimento deles como sendo “bebês” para alguns humanos pode gerar um desconforto em outros. Sobre esse prisma, Shir-Vertesh (2012) mostra que nas famílias em Israel os animais podem ocupar diferentes papéis, tais como “pré-filho”, substituto de filho, “semi-filho” ou diferente de um filho. A autora chegou nessas classificações ao analisar a dinâmica de 52 famílias no país, sendo que percepção do animal como diferente de filho foi a mais comum nos casais que tinham filhos humanos, indicando que os vínculos formados com os animais são totalmente diferentes daqueles entre humanos. As famílias que categorizavam os animais dessa forma tendem a ser mais inflexíveis em sua percepção sobre os animais, conforme o estudo.

Em contrapartida, a visão sobre o papel e personalidade do animal é flexível quando este é categorizado como “pré-filho”, substituto de filho ou “semi-filho”, fato evidenciado pelas mudanças ocorridas nas famílias que tiveram filhos humanos posteriormente. No caso deste estudo, a professora incomodada é mãe de filhos humanos, o que pode ter uma influência na visão da atenção recebida pelos animais no âmbito universitário.

Em outro momento, a professora comentou com outro professor sobre a presença dos cães. O professor, por sua vez, explicou que a tutora-pesquisadora estava desenvolvendo seu doutorado sobre a temática dos animais nas cidades. Desde então, a tutora-pesquisadora participou, na companhia de seus cães, de atividades em que esta professora também estava presente, passando a encontrá-la nos corredores por diversas vezes. Após conhecer a situação, a atitude da professora mudou em relação à presença dos animais.

Ainda na perspectiva do incômodo com a presença multiespécie em sala de aula, um aluno de pós-graduação se mostrou perturbado com tal presença durante uma das disciplinas com a tutora-pesquisadora e sua orientadora. Tal fato pode estar relacionado com dois conceitos propostos por Sage *et al.* (2016) – perturbação e exclusão.

O conceito de perturbação indica que uma agência pode interferir no funcionamento de outra sem um aviso ou pedido de permissão (SAGE *et al.*, 2016). De fato, isso ocorreu durante o semestre em que o aluno e os animais ocuparam o mesmo espaço. A partir do momento em que os cães se aproximaram fisicamente do aluno foi observado um incômodo, quando então os animais foram limitados em termos de sua liberdade na sala de aula.

Já a exclusão é a fronteira mais comum nas práticas organizacionais entre os humanos e os animais, e o que determina que cada um permaneça nos espaços separados, sem causar uma perturbação no espaço organizacional alheio (SAGE *et al.*, 2016). O aluno de pós-graduação em questão, pertence a uma área do mundo empresarial onde os espaços são bem delimitados – o mundo do agronegócio, e onde a visão de exploração da natureza e do domínio do homem sobre a natureza (MITCHELL, 2022) é presente. Logo, a própria visão de mundo do aluno, segundo ele próprio, sofre influência por tal perspectiva de que os espaços universitários não devem ser ocupados por animais de estimação.

Por fim, o aluno de graduação que apresentou uma reação negativa à presença canina em sala de aula tinha tido uma experiência prévia ruim na interação com a espécie. O discente havia chegado atrasado em uma aula em que os cães estavam soltos pela sala, e sua expressão indicava medo. Nesse instante, a tutora-pesquisadora perguntou se ele tinha medo de cães ao que ele respondeu de modo afirmativo. Assim, os cães passaram a ter sua liberdade limitada na sala.

Os medos, fobias e alergias são apontados por Cunha, Rego e Munro (2018) como um dos efeitos negativos da presença dos cães nas organizações. É importante que a postura adotada pelo tutor dos cães, nesses casos, seja adequada a fim de amenizar o estresse organizacional. No caso, optou-se pela contenção dos animais, permitindo que estes ficassem no colo dos alunos que desejassem. Em determinada ocasião, o aluno explicou a situação que ocasionou seu medo, além de expor fatores culturais sobre a sua visão dos animais. Ao final do semestre, ele se sentiu à vontade para tocar nos cães.

## Percepções acerca do comportamento dos cães

Os estudos que envolvem os animais de estimação e buscam identificar o conforto ou desconforto deles em determinados ambientes ou situações costumam utilizar marcadores biológicos como indicadores de níveis de bem-estar (WILLGOHS *et al.*, 2023). Outra forma de avaliar o bem-estar e conforto dos animais em determinadas circunstâncias é por meio de seu comportamento observado (VANEGAS-FARFANO; GONZÁLEZ-RAMÍREZ, 2016; BURMEISTER *et al.*, 2020).

Na presente pesquisa, o comportamento dos animais foi observado e relatado em diário de campo: “ficaram tranquilos, no geral [...] Eles quiseram vir pro meu colo durante a aula e ficaram dormindo” (Diário de campo, 30/08/2022); “Como tinha bastante gente no grupo, eles ficaram mais alertas [...] \*\*\* só dormiu, pois estava super cansado de passar o dia todo na rua” (Diário de campo, 08/09/2022); “\*\*\* estava um pouco obcecado comigo, só me olhava [...]” (Diário de campo, 15/09/2022); “\*\*\* veio no caminho no chão, super feliz” (Diário de campo, 21/09/2022).

Em geral, os cães parecem confortáveis quando estão na universidade acompanhando a tutora. A exceção acontece em situações específicas, de muito movimento ou barulhos diferentes. Ainda assim, a tutora-pesquisadora percebe uma diferença comportamental entre os dois cães, sendo o mais novo, que começou a frequentar o espaço ainda filhote, aquele que demonstra maior conforto e sociabilidade. Assim como relatado por Charles e Wolkwitz (2019) com os cães terapeutas, ele é bem tolerante ao toque das pessoas. Ele também costuma balançar o rabo em sinal de felicidade nas interações com os alunos e funcionários da universidade.

O outro cão, o qual passou o período da pandemia de COVID-19 ao lado da tutora, demonstra preferência por determinadas pessoas. Há momentos em que ele demonstra maior interesse por dar uma volta no pátio do que por interagir com as pessoas. E, conforme relatado, tem momentos em que há certa obsessão com a tutora e demanda por atenção.

## Considerações finais

Esta pesquisa discutiu a presença de dois cães (de estimação) no ambiente universitário na companhia de sua tutora a partir dos relatos durante os três primeiros semestres do curso de doutorado.

Ao longo da discussão buscamos debater, à luz da literatura científica internacional existente, a presença de animais nos espaços organizacionais e os efeitos dessa presença para as pessoas que participaram de interações com os cães. Para tal, os relatos foram divididos em quatro perspectivas: sentimentos da tutora-pesquisadora, reações positivas da comunidade acadêmica, reações negativas da comunidade acadêmica e percepções sobre o comportamento canino.

Foi possível compreender que as reações positivas são mais prevalentes do que as negativas, possivelmente, um reflexo de uma nova realidade social e organizacional. Tal realidade implica na necessidade de maior reflexão acadêmica sobre os animais e os estudos organizacionais (FANTINEL, 2021), inclusive no campo da administração pública (MITCHELL, 2022). Afinal, a presença dos cães pode ser um indicador de diversidade organizacional (CUNHA; REGO; MUNRO, 2018).

A pesquisa também abre campo para a discussão e análise sobre a presença de animais e seu impacto na comunidade acadêmica, com efeitos na motivação de alunos de administração. Tal fato foi destacado por Lima e Souza (2018) em estudo no campo da psicologia, mostrando que a presença de animais pode resultar em redução da ansiedade, melhora na interação social, autonomia, estímulo e motivação em atividades físicas, além da melhora na postura educativa, dentre outros.

Esta é a primeira pesquisa nacional que envolve cães de estimação no espaço da universidade. Esperamos que a temática possa atrair e encorajar novas pesquisas nesse campo. Como sugestão de pesquisas futuras incluímos a investigação acerca de diferenças geracionais e culturais e seu impacto na percepção favorável da presença dos animais de estimação no ambiente universitário, além de pesquisa envolvendo pessoas que mantêm uma postura neutra na presença do animal.

Como toda pesquisa, o presente relato também apresenta suas limitações, pois se restringe a uma instituição universitária pública localizada no sul do Brasil. Embora não seja objetivo de pesquisas qualitativas a possibilidade de generalização de seus resultados, novas pesquisas podem se somar a esta no sentido de trazer outros achados sobre o fenômeno aqui estudado de forma a enriquecer a temática nos estudos organizacionais no contexto da aprendizagem.

## Referências

- AGUILAR, G. D.; FARNWORTH, M. J. Distribution characteristics of unmanaged cat colonies over a 20-year period in Auckland, New Zealand. **Applied Geography**, [S.L.], v. 37, p. 160-167, fev. 2013.
- BELK, Russell W. Possessions and the Extended Self. **The Journal of Consumer Research**, Chicago, v. 15, n. 2, p. 139-168, set. 1988.
- BOUMARD, Patrick. O lugar da etnografia nas epistemologias construtivistas. **Revista de Psicologia Social e Institucional**, v.1, n. 2, 1999.
- BRASIL. Lei Nº 11.126, de 27 de junho de 2005. Dispõe sobre o direito do portador de deficiência visual de ingressar e permanecer em ambientes de uso coletivo acompanhado de cão-guia. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/Lei/L11126.htm#art4](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/Lei/L11126.htm#art4). Acesso em: 3 mar. 2024.
- BRASIL. Decreto Nº 5.904, de 21 de setembro de 2006. Regulamenta a Lei no 11.126, de 27 de junho de 2005, que dispõe sobre o direito da pessoa com deficiência visual de ingressar e permanecer em ambientes de uso coletivo acompanhada de cão-guia e dá outras providências. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/decreto/d5904.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5904.htm). Acesso em: 3 mar. 2024.
- BURMEISTER, Anne-Kathrin; DRASCH, Katrin; RINDER, Monika; PRECHSL, Sebastian; PESCHEL, Andrea; KORBEL, Rüdiger; SAAM, Nicole J. Development and Application of the Owner-Bird Relationship Scale (OBRS) to Assess the Relation of Humans to Their Pet Birds. **Frontiers in Veterinary Science**, [S.L.], v. 7, p. 1-13, 10 dez. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.3389/fvets.2020.575221>.
- CHARLES, Nickie; WOLKOWITZ, Carol. Bringing dogs onto campus: Inclusions and exclusions of animal bodies in organizations. **Gender, Work & Organization**, [S.L.], v. 26, n. 3, p. 303-321, abr. 2019. DOI: <http://doi.org/10.1111/gwao.12254>
- CLEMENTS, Heather; VALENTIN, Stephanie; JENKINS, Nicholas; RANKIN, Jean; GEE, Nancy R.; SNELLGROVE, Donna; SLOMAN, Katherine A. Do Workplace Fish Tanks Influence Employee Wellbeing and Cognitive Performance? An Embedded Mixed-Methods Study. **Anthrozoös**, [S.L.], p. 1-20, 31 jan. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/08927936.2024.2303227>.
- CUNHA, Miguel Pina e; REGO, Arménio; MUNRO, Iain. Dogs in organizations. **Human Relations**, [S.L.], v. 72, n. 4, p. 778-800, 18 jul. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/0018726718780210>.
- DELANOEIJE, Joni; PENDRY, Patricia. University Cats? Predictors of Staff and Student Responsiveness Toward On-Campus Cat Visitations, **Anthrozoös**, [S.L.], v. 36, n. 2, p. 257-277, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/08927936.2022.2109290>.

FANTINEL, Letícia. O organizar multiespécie da cidade. In: Luiz Alex Silva Saraiva; Ana Sílvia Rocha Ipiranga. (Org.). **História, práticas sociais e gestão das/nas cidades**. 1 ed. Ituiutaba, MG: Barlavento, 2020, p. 297-344.

FANTINEL, Letícia Dias. Viver e Organizar Multiespécies: um convite à administração para seguir com o incômodo. In: ENCONTRO DA ANPAD - ENANPAD, 45, 2021, [S.L.]. **Anais [...]**. [S.L.]: Anpad, 2021. p. 1-14.

FANTINEL, Letícia; MAGALHÃES, Ana Luisa Curcio. “Cáotraventores” no Campus: enunciados midiáticos sobre relações humano-caninas em espaços organizacionais. In: Anais do Sétimo Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais. **Anais [...]**. Porto Alegre (RS), UFRGS, 2021. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/viicbeo2020/385623-CAOTRAVENTORES-NO-CAMPUS--ENUNCIADOS-MIDIATICOS-SOBRE-RELACOES-HUMANO-CANINAS-EM-ESPACOS-ORGANIZACIONAIS>. Acesso em: 29 fev. 2024.

FANTINEL, Letícia; BARRETO, Tiago Franca; BASTOS, Bárbara Eduarda Nóbrega. Apresentação do dossiê temático “animais e organizações”. FAROL – Revistas de Estudos Organizacionais e Sociedade, [S. L.], v. 11, n. 30, p. 13-27, abr. 2024. DOI: 10.25113/farol.v11i30.8488

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 205 p.

FOLTIN, S.; GLENK, L. M. Going to the office - What's in it for the dog? **Journal Of Applied Animal Welfare Science**, [S.L.], p. 1-17, 13 out. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/10888705.2023.2268540>.

GRAY, David E. **Pesquisa no mundo real. (Métodos de pesquisa)**. Porto Alegre: Grupo A, 2012. E-book. ISBN 9788563899293.

GONZALEZ-PEREZ, Maria Alejandra; GEORGIADOU, Andri. Diverse Human Families and Pet-friendly Work Environments: pawternity of dogs. **Advanced Series in Management**, [S.L.], p. 273-293, 23 abr. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1108/s1877-636120190000022014>.

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021. 184 p. Tradução de Pê Moreira.

HIGHFILL, Lauren; GOODMAN-WILSON, Miranda. Pets on Campus: Best Friend or Bad Decision? **Human-Animal Interaction Bulletin**, [S.L.], v. 5, n. 2, p. 1-12, 2017.

IZAGUIRRE, Eliza Ruiz; MONTIEL, David Oseguera. Roaming the Campus: university stakeholders: perceptions of, and interactions with, campus cats and dogs. **Anthrozoös**, [S.L.], v. 34, n. 3, p. 423-439, 21 abr. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/08927936.2021.1898213>.

KIVLEN, Christine A.; QUEVILLON, Allison; PASQUARELLI, Dani. Should Dogs Have a Seat in the Classroom? The Effects of Canine Assisted Education on College Student Mental Health. **The Open Journal of Occupational Therapy**, [S.L.], v. 10, n. 1, p. 1-14, jan. 2022.

LARSON, Greger; KARLSSON, Elinor K.; PERRI, Angela; WEBSTER, Matthew T.; HO, Simon Y. W.; PETERS, Joris; STAHL, Peter W.; PIPER, Phillip J.; LINGAAS, Frode; FREDHOLM, Merete; COMSTOCK, Kenine E.; MODIANO, Jaime F.; SCHELLING, Claude; AGOULNIK, Alexander I.; LEEGWATER, Peter A.; DOBNEY, Keith; VIGNE, Jean-Denis; VILÀ, Carles; ANDERSON, Leif; LINDBLAD-TOH, Kerstin. Rethinking dog domestication by integrating genetics, archeology, and biogeography. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, [S.L.], v. 109, n. 23, p. 8878-8883, 21 maio 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1073/pnas.1203005109>.

LIMA, Aline da Silva; SOUZA, Marjane Bernardy. Os benefícios apresentados na utilização da terapia assistida por animais: revisão de literatura. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, [S.L.], v. 12, n. 10, p. 224-241, maio 2018.

MARRAS, Stelio. Virada animal, virada humana: outro pacto. **Scientiae Studia**, [S.L.], v. 12, n. 2, p. 215-260, jun. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-31662014000200002>.

MAZON, Marcia da Silva; MOURA, Wandgleisom Garcia de. Cachorros e humanos: mercado de rações pet em perspectiva sociológica. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 138, 9 maio 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7289.2017.1.25292>.

MITCHELL, Jerry. Animals in the study of public administration. **Public Administration Review**, v. 82, p. 1179-1185, 2022. DOI: <http://doi.org/10.1111/puar.13500>

MONTGOMERY, Jasmine; LIANG, Zhanming; LLOYD, Janice. A Scoping Review of Forced Separation Between People and Their Companion Animals. **Anthrozoös**, [S.L.], v. 37, n. 2, p. 245-267, 28 jan. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/08927936.2023.2287315>

NILSSON, Anne; LIDFORS, Lena; WICHMAN, Anette; HANDLIN, Linda; PETERSSON, Maria; UVNÄS-MOBERG, Kerstin. Influence of Interactive Behaviors Induced by a Therapy Dog and Her Handler on the Physiology of Residents in Nursing Homes: an exploratory study. **Anthrozoös**, [S.L.], v. 37, n. 2, p. 323-342, 29 nov. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/08927936.2023.2280374>.

PEEL, Nicole; NGUYEN, Kathy; TANNOUS, Caterina. The Impact of Campus-Based Therapy Dogs on the Mood and Affect of University Students. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, [S.L.], v. 20, p. 1-14, mar. 2023. DOI: <https://doi.org/10.3390/ijerph20064759>

PIERRI ARDIGO, Juliane; ALPERSTEDT, Graziela Dias. Cidades pet-friendly: o papel dos cães-guia na sua construção. In: ENCONTRO INTERNACIONAL SOBRE GESTÃO EMPRESARIAL E MEIO AMBIENTE, 25., 2023, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: FEA/USP, 2023. p. 1-9. Disponível em: <https://engemausp.submissao.com.br/25/anais/arquivos/167.pdf?v=1709552319>. Acesso em: 25 fev. 2024.

SAGE, Daniel; JUSTESEN, Lise; DAINTY, Andrew; TRYGGESTAD, Kjell; MOURITSEN, Jan. Organizing space and time through relational human–animal boundary work: exclusion, invitation and disturbance. **Organization**, [S.L.], v. 23, n. 3, p. 434-450, 11 fev. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/1350508416629449>.

SAMPIERI, Roberto Hernández, COLLADO, Carlos Fernández, LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. 5 ed. Porto Alegre: Penso: 2013.

SERPELL, James A. Anthropomorphism and Anthropomorphic Selection – Beyond the “Cute Response”. **Society & Animals**, [S.L.], v. 11, n. 1, p. 83-100, 2003.

SERPELL, James A. Having Our Dogs and Eating Them Too: Why Animals Are a Social Issue. **Journal of Social Issues**, [S.L.], v. 65, n. 3, p. 633-644, 2009.

SHIR-VERTEESH, Dafna. “Flexible Personhood”: Loving Animals as Family Members

in Israel. **American Anthropologist**, [S.L.], v. 114, n. 3, p. 420–432, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1548-1433.2012.01443.x>.

STENSLAND, Meredith; ELORRIAGA, Adrian; BLOCK, Martha; BLOCK, Geoff; MCGEARY, Donald; FLAMAN, Jacie; LUGOSI, Selena. Therapy Dogs in the Dialysis Clinic: a qualitative study examining hemodialysis patients’ attitudes toward an animal-assisted intervention. **Anthrozoös**, [S.L.], p. 1-14, 22 abr. 2024. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/08927936.2024.2339629>.

VANEGAS-FARFANO, Minerva; GONZÁLEZ-RAMÍREZ, Mónica Teresa. Behaviors Indicative of Attachment with Pets Scale: an adaptation of the attachment during stress scale for companion animals. **Journal of Veterinary Behavior**, [S.L.], v. 15, p. 12-19, set. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.jveb.2016.08.003>.

WALSH, Froma. Human-Animal Bonds I: the relational significance of companion animals. **Family Process**, [S.L.], v. 48, n. 4, p. 462-480, dez. 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1545-5300.2009.01296.x>.

WARD, Chesney; JOHNSON, Ian; BAMWINE, Patricia; LIGHT, Michael. The Pet Paradox: uncovering the role of animal companions during the serious health events of people experiencing homelessness. **Anthrozoös**, [S.L.], v. 37, n. 2, p. 343-359, 24 nov. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/08927936.2023.2280376>.

WILLGOHS, Kaitlyn; WILLIAMS, Jenna; CRISOSTOMO, Isabella; KECK, Katherine; YOUNG-ERDOS, Crystal; HIGHFILL, Lauren. College Canines: Investigating the Behavioral and Physiological Impacts of Various College-Housing Environments on Companion Dogs. **American Journal of Undergraduate Research**, [S.L.], v. 20, n. 2, p. 87-95, set. 2023. DOI: <http://doi.org/10.33697/ajur.2023.090>.

WILKIN, Christa L; FAIRLIE, Paul; EZZEDEEN, Souha R. Who let the dogs in? A look at pet-friendly workplaces. **International Journal of Workplace Health Management**, [S.L.], v. 9, n. 1, p. 96-109, 7 mar. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1108/ijwhm-04-2015-0021>.

WILMER, Amelie A. In the Sanctuary of Animals: honoring God’s creatures through ritual and relationship. **Interpretation: A Journal of Bible and Theology**, [S.L.], v. 73, n. 3, p. 272-287, 17 jun. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1177/0020964319838805>.

WOOD, Lisa; GILES-CORTI, Billie; BULSARA, Max. The pet connection: pets as a conduit for social capital? **Social Science & Medicine**, [S.L.], v. 61, n. 6, p. 1159-1173, set. 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.socscimed.2005.01.017>.

WOOD, Lisa; MARTIN, Karen; CHRISTIAN, Hayley; HOUGHTON, Steve; KAWACHI, Ichiro; VALLESI, Shannen; MCCUNE, Sandra. Social capital and pet ownership – A tale of four cities. **SSM - Population Health**, [S.L.], v. 3, p. 442-447, dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.ssmph.2017.05.002>.